

JORNAL DO CONSERVATORIO.

°6.) *Publica-se todos os Domingos.* (Jan. 12, 1840)

CURSO LITTERARIO

DE

Mr. Magnin.

Dois annos tinham decorrido desde que na faculdade litteraria de Paris, uma cadeira de litteratura estrangeira se havia creado. Fôra o erudito Mr. Fauriel o seu primeiro professor; porém no anno de 1835 della tomou o ponderoso encargo Mr. Magnin, Conservador dos impressos da real bibliotheca, e conhecido por trabalhos scientificos muito estimados. — Sendo notorio que ha largo tempo se occupava elle de conscienciosas investigações sobre as origens dramaticas antigas e modernas, de muito grande numero de ouvintes se viu inundada a sala desde o primeiro até ao ultimo dia do litterario curso. — E' delle, que eu tentarei dar alguma idéa; mas tendo de encerrar em curtissimos limites um lavor de seis mezes, de sobejo fastidioso por analytico, correrei por ventura perigo; mas si o poder eu compensar com a exactidão, tal defeito me deverá ser relevado.

Geralmente se acredita que o genio dramatico per sete ou oito séculos adormecido, n'uma bella manhã do 13.º ou 14.º se alevantára: quasi que ousaram aventurar-se a indagar a propria hora e dia em que tão grande mudança se havia operado: seriam bein fundadas indagações! — Em verdade cumpre remontar mais alto para encontrar as origens do theatro moderno, cujos *mysterios* e *moralidades* são de nós a expressão mais visinha: talvez porque melhor a conhecemos, a julgamos unica!...

Entretanto não nos devemos esquecer de que a humana intelligencia não dorme, não pára jámais: — transforma-se, e sem cessar progride. — Outra coisa se não dária nesse longo intervallo de composição e recomposição social, que ha nome = *IDADE-MEDIA*; immenso período, em que o genio dramatico sotoposto a uma camada espessa de barbarie (se limento de cada uma das invasoras hordas, que sobre o imperio romano se arremessaram) vislumbriava

apenas! Todavia não é lá que o theatro moderno começa; com a era christã nasce o theatro!

Antes de expôr o que elle foi desde o 5.º até ao 12.º século, extinto no 6.º o theatro pagão; Mr. Magnin deveria sem duvida explicar a seus ouvintes o que era na antiguidade este mesmo theatro pagão, sem comtudo entrar exame das peças, que o compunham. Para este fim encarando a antiguidade grega e latina sob o aspecto dramatico, observa tres generos distinctos. O primeiro contém o drama maravilhoso, magico, e sobrenatural; constituindo o theatro ecclesiastico, liturgico, sacerdotal: — o segundo se compõe do drama aristocratico e real, que nos primeiros tempos da conquista levou em dias de gala suas alegrias e pompas a feudaes castellos, e paços de reis: — o terceiro comprehende o drama popular e plebeu, que nas encruzilhadas, e a descuberto nunca jámais cessou de espaiçer e alegrar a tristeza dos servos, e os curtos ensejos dos vilões: — genero tenaz; theatro, por assim dizer, indestructivel; e que por isso mesmo fórma o élo, que une a moderna á antiga scena.

Examinando cada litteratura na sua origem acharemos constantemente o genero dramatico de envolta com as outras litterarias classificações; — com a epopèa por exemplo. Antes do nascimento do theatro grego, e bem tempo antes que a carreta de Thespis alguns histriões houvesse passeado, as poesias do encanecido cego, cuja patria sete cidades se disputaram, já essas poesias divinas eram cantadas, e por ventura representadas pelos rapsódas. — O mesmo se reproduz na idade media, e em nossos dias attestam viajantes ter visto este facto no Oriente. Dest'arte em 1825 se representava mimicamente em *Bénarés* o poema de *Rhamayana*, em quanto sobre uma scena proxima se procedia á leitura da composição escripta.

Não menos ao lyrico tem sido misturado o genero dramatico. Quasi sempre na Grecia os cantos eram acompanhados de pantomimas, canções, e dança. Poderemos portanto encontrar o drama em a maior parte das obras do

espírito humano; o que mui bem polo dialogo, e imitação se reconhece. — Uma coisa bem curiosa é que em todos os povos o genio dramatico começa pela imitação dos animaes; sendo portanto a fabula o mais antigo genero litterario.

Na Grecia todas as festas, todas as artes, todos os jogos entram na divisão, que chamamos hierática: — pertencem á divindade. Foi nas festas de Minerva, que annualmente em Athenas se celebravam, que se operou a transformação do drama hierático em drama nacional; mas quasi que só no andito dos templos, e na celebração dos mysterios se encontram verdadeiras representações scenicas.

O theatro popular na Grecia foi muito tempo distincto do theatro nacional, que nasceu da combinação primeira com o theatro hierático; mas a despeito da fusão operada por Eschylo, estes tres generos subsistiram simultaneamente. Na Italia o theatro popular teve mais influencia, que na Grecia, sobre o theatro official; gosando o theatro aristocratico da maior extensão: — immenso numero de theatros particulares se erigiram em Roma. — O que distingue principalmente o theatro latino do grego é o amor do real, e da ferocidade. Os gregos imitavam o assassinio, e os romanos matavam sobre a scena.

No primeiro século se operou em Roma uma revolução funesta ao genio dramatico. O movimento, imposto pela Grecia á civilização romana depois da conquista, se affrouxa, e o ingenho romano que se havia feito grego, tornou a ser romano: — o genero que então domina, é a pantomima. Augusto ditoso de por algum modo ter encontrado uma lingua universal, que podesse ligar entre si todos os povos de seu imperio, deu a este genero o maior desenvolvimento; a escarecedora comedia, e a tragedia republicana o encomodavam; foram portanto quasi destruidas.

Nos primeiros tempos do theatro, bem como na idade media, as salas destinadas ás representações foram primeiramente de madeira. Muitas vezes representava-se em raza campanha, e era uma colina o lugar da scena; mas não tardou que se não conhecesse a necessidade de mais sólidas construcções. Tendo-se na 7.^a Olympiada aluido o theatro de Athenas, que era de madeira, um novo se construiu de pedra, a que chamaram theatro de Bacho. — Na Italia ainda hoje de um grande numero se encontram ruinas; e é por essas que se vae tentar reconstruir um delles.

A scena, entre os romanos, era a decoração do fundo; o que hoje chamamos scena, era o *proscenium*, e aquella parte delle, onde os seus papéis recitavam os actores, lhe chamavam *pulpitum*. Sob o *proscenium* havia o *hyposcenium*, onde se collocavam as machinas; e na parte superior estava o *episcenium*.

Era o lugar d'honra a orchestra; o camarote do Imperador se chamava *cubiculum*. O choro se collocava no meio da orchestra sobre o *timcléo*, que era ao principio uma especie de altar, onde ao depois se executaram danças.

Os espectadores se assentavam em bancos circulares chamados *cuneci*, separados por escadas, que permittiam subir aos superiores. Os cavalleiros, os consules occupavam os mais commodos; e o resto, a *summa cavea*, era abandonado ao povo. — Haviam tambem *locarii* ou *signatores*, encarregados de abrir os camarotes, guardar os logares, e verificar o bilhete *marfim* ou de pau (*tessera*), que lhes dava direito.

No principio os theatros eram descubertos, de sorte que se fez mister aos Romanos, para remediar a este inconveniente, adoptar algumas modas, tal foi a do chapéo, *galerus*, que igualmente contra a chuva e sol os protegia. — A parte do theatro consagrada aos espectadores era decorada com luxo, e muitas vezes perfumada: especies de cascatas e repuxos d'agua odorifera em fino salseiro, borrifavam os assistentes, purificando o ar. No ultimo periodo da républica foram toldados os theatros.

No principio a repetição d'uma peça de theatro se fazia em um local separado, a que chamavam *odeon*; mas ao depois esta sala serviu para concertos e leituras. Os theatros publicos tinham verdadeiros cartazes, como o comprovaram as escavações de POMPEI; os theatros particulares serviam-se de outra maneira de annunciar.

Como eram tres as especies de scenas; a tragica, a scena comica, e e satyrica; haviam tambem tres especies de decorações, e tres generos de trajos, que subsistiram até ao momento da confusão dos generos. O trajo comico consistia em a tóga, e o *pallium*, deitado sobre o braço esquerdo: o vestuario tragico era muito mais exaggerado. A estatua do actor, por causa d'uma especie de andas, era de oito a nove pés; e conta Philostrato, que um actor de quem Nero meditára a morte, refugiando-se na Hespanha, inspirou desde a sua entrada em scena terror tamanho, que todos os espectadores fugiram, soltando appavorados gritos. — A máscara tragica era na verdade muito maior que o natural, e bem propria a causar a barbaros uma impressão terrivel; mas o theatro antigo não podia prescindir della; e sendo u n typo o heróe, coherente lhe devia corresponder o trajo.

Ainda muito mais poderíamos estender todas essas materiaes especificações, que igualmente se referem ao theatro pagão antes da era christan, e ao primeiro periodo da mesma época; mas pareceram-nos sufficientes para dar uma idéa summaria da scena grega e latina. — Continuaremos.

A NOIVA DE CORINTHO

por Goete.

Um mancebo vindo de Athenas entrava pela primeira vez os muros da opulenta Corintho. Doce era o motivo que ali o conduzia; — desposar uma donzella pura e linda que de ha muito, por commum accôrdo, os paes de ambos lhe haviam destinado.

Bom agasalho espera o mancebo; e bom agasalho encontrará elle? — Pagão, como todos os seus parentes, é já Christan sua noiva, e baptizada e a nova familia a que váe pertencer.

Reinava o silencio per todo o palacio; só velava a mãe da donzella. O estrangeiro chega, e com benevolencia e affago é recebido: ella o conduz ao aposento que lhe era destinado, e appresentando-lhe vinhos e iguarias se despede, desejando-lhe uma noite feliz.

— E essas iguarias, e esses vinhos preciosos, são debalde para o mancebo, que, todo alvo-rosos, se entrega a bem diversos pensamentos: até que alim, soçobrado pelo cansaço, recosta-se no leito, e váe cerrando os olhos como para adormecer.

Suspensa do feixo da abobada per cadêa de ouro, uma lampada espalhava em todo o apposento uma luz trémula e pallida, que ia decrescendo e vacillando até de todo sumir-se nos ultimos angulos das parêdes; e ondeava nas arcadas do tecto, como um relâmpago continuo, ou como o aziago folgar das almas vagabundas dos inseultos.

O Grego não dormia, e á luz dessa lampada se lhe afigurou enxergar ao longe uma fórma humana. Olhou mais fito na direcção do vulto que appercebêra, e que a passos lentos se vinha approximando ao seu leito: — era uma donzella de talhe esbelto e aéreas formas; alvas de neve eram as roupas que a envolviam, e um arco de ouro lhe cingia como diadema a fronte prendendo um véo negro que pelos hombros se lhe debruçava com uma chuva de cabellos louros. — Celeste apparição!

Ao ver o estrangeiro como que se sobresaltou, e erguendo ao Ceu as mãos tão brancas como a açucena, exclamou com voz suave: — «E sou eu já tão extranha n'esta caça, que assim me deixem ignorar a presença de um hospede? — E' assim que me têm clausurada, e querem que todos me esqueçam!... Repousa tu, mancebo, repousa; eu me vou, e te deixo em paz.»

— Oh! não te vás, divina creatura, não te vás; amor, amor! mas para que em-pallideces assim? Ah! tu receias, e eu te amo! Vem, e senta-te, escuta!

— Affasta-te, mancebo, affasta-te; as doçuras d'este mundo acabaram para mim! A ultima, a ultima baiteira, eu a transpuz para todo o sempre. Minha mãe consagrou-me ao seu Deus: mocidade, natureza, tudo... oh! tudo se sacrificou á esperanza de alcançar o Ceu!

— E os antigos deuses dos nossos paes abandonaram este palacio silencioso. Um Ente invisivel, um Salvador crucificado, eis o culto que nos impuseram... E nem já novillos, nem touros por victimas, porém... victimas humanas!

O Estrangeiro a interrompe agodado: — «E' possível! serias tu aquella que me é destinada! Oh! sê minha esposa, encantadora virgem: o juramento de nossos paes nos assegura a benção do Céu.»

— Não mais: oh! não insistas mais, bom mancebo: tenho uma irman mais nova, ella te está reservada. Eu... penarei: mesmo nos braços della, pensa alguma vez n'esta pobre infeliz, em mim que, longe de esquecer-te, morrerei de te amar, e depois... a tumba!

— Por esta luz que nos allumia, pelo Céu, por mim, te abono que assim não será. Tu perderes a vida, e eu perder-te?.. Fuja-mos; segue-me ao lar paterno, não nos separemos mais, ó doce amada, somos espôso, sentemo-nos ao festim nupcial.

Ambos os noivos fizeram troca dos seus annéis: ella passou ao collo do joven uma cadêa de ouro, e aceitou uma madeixa que lhe havia pedido.

Então soou no relógio do palacio a hora funebre dos espiritos: a virgem pareceu tranquillizar-se mais, e chegando aos labios desbotados uma taça de vinho purpureo como sangue, a offereceu depois ao mancebo que alegremente a estancou.

Mais violento amor lhe entranhou no peito esse banquetê silencioso, e a donzella a furtar-se-lhe sempre; e rogos e protestos, e finezas, tudo é baldado... Desesperado, furioso de amor e despeito, arroja-se em fim sobre o leito soluçando, e prorompe em triste e copioso chôrô.

Ella se assentou ao seu lado, e meiga lhe disse: «Não é por meu querer que eu te afflijo: estremecerás quando souberes o que vou confiar-te: alva como a néve é a noiva que escolheste, mas tambem é fria como a néve.»

Mas o mancebo a toma nos braços, e apertando-a convulso murmura estas palavras: — «O meu coração te dará calor, ó vida minha, o fogo que me devora te consumirá... E suspiros, e beijos, e lagrimas, e os braços enlaçados, e as almas confundidas...»

A velha donna ouviu rumor no apposento de seu hospede: qual será o motivo d'esse ru-

môr que ouve a velha mãe da noiva? — Ella o saberá. Manso e manso váe dirigindo os passos até á porta, e os primeiros sons que lhe ferem os ouvidos é um retenir de beijos, e um arfar de suspiros amorosos...

Muda e quêda permanece a velha alguns instantes, até que distingue as seguintes palavras: — „ Ai! já o gallo desperta... mas tu voltas amanha á noite, não é assim?... „ E um novo murmuro de beijos.

A donna já não pôde conter-se, e entra precipitadamente. — „ Quem é a impudica escrava que assim veio entregar-se ao estrangeiro?... „ A luz da lampada deu n'esse momento um clarão mais vivo; e a velha reconhece... sua propria filha!

No primeiro instante de susto o Grego lançara um véu sobre sua esposa: nelle se envolve a donzella, e alevantando-se, foi crescendo e crescendo até ao tecto.

„ — Ah! minha mãe, minha mãe, diz com voz lugubre e pausada o medonho phantasma, para que vindes perturbar a minha bella noite de noivado? Para que é despenhar-me assim do cume da minha felicidade? Ainda era pouco a mortalha em que me involvestes e a tumba que me cavastes?

„ Mas um poder desconhecido me arrancou do meu Sepulchro; nem o sal, nem a agoa podêram apagar o fogo da juventude; a terra não poude consumir o amor.

„ Promettido me haviéis a esse mancebo no tempo em que ainda estavam erguidos os altares de Vénus; e quebrastes essa promessa sagrada, e desertastes do culto, e trocastes teus votos por outros... E não sabias tu que nenhum deus escuta os votos de uma mãe, quando esta dispõe da filha a outrem promettida?

„ Venho da tumba reclamar a joia que me roubastes; venho da tumba só para amar aquelle que me era destinado, e sugar todo o sangue do seu coração... Agora vou-me e o deixo, bem contra minha vontade!

„ E tu, adorado mancebo, tu não vivirás já muito tempo: nesse mundo tu já agora te sentirás murchar, e definharías como a flôr do deserto: esta madeixa que me deste, essa cadeia de ouro que ainda te adorna, nos prendem um ao outro por toda a eternidade... Amanhan estarão brancos os teus cabellos; e só quando a mim te reunires, quando voltares á tua esposa, é que elles hão de recobrar a sua côr primitiva... até então, querido esposo; até lá também, minha mãe!..

¶ O artigo seguinte nos foi remettido pedindo-se-nos a sua inserção no *Jornal do Conservatorio*; não achamos razão sufficiente para deixarmos de satisfazer esse desejo; mas desde já declaramos solemnemente, que não responde-

mos directa ou indirectamente pola materia ou fórma do mesmo artigo.

Communicado.

DA ARTE.

(FRAGMENTOS.)

(*Servindo como de resposta ao artigo inserto no numero 4 do Jornal do Conservatorio, de baixo do mesmo titulo.*)

Um meio da multidão attenta, estava um orador que prégava doutrinas novas; e a multidão escutava seus discursos, que não entendia, applaudindo suas parabolás, como inspirações celestes.

E o profeta das turbas lhes dizia, com voz de mestre, e acêno de Senhor:

„ Sim! A arte consiste em traspasar fragmentos do mundo ideal para o mundo real. „ O mister do artista é dizer ás multidões: = „ Vêde as existencias que Deus langou no meu „ espirito; existencias que, ou não ha entre „ vós, ou que, se as comparardes com as que „ vos rodêam, são gigantes, quer no bem, quer „ no mal; quer no bello, quer no disforme; „ quer no suave, quer no terrivel. — Exami- „ nai se ha hi nas da terra, as dimensões, ou „ a intensidade das que estavam escondidas no „ seio da minha intelligencia... „

E o novo profeta que vinha annunciar a regeneração da arte, era conduzido em triumpho, puchado pelas turbas, que se atrelavam ao seu carro; e em altas vozes victoreavam o messias da arte.

E chegando ao cume de uma alta montanha de donde se viam todas as ruinas da terra, suas cidades, seus templos, suas estatuas, seus obeliscos, e todas quantas maravilhas tem saído das officinas d'arte; dice ás turbas:

„ Agora quereis vós saber qual foi a philosophia da critica litteraria, e artistica durante dous mil annos! — Dir-vol-o-hei.

„ Um dia Aristoteles lembrou-se de fazer um livro sobre algum objecto de que não entendesse: pegou no calamo, e escreveu „ Περὶ Ποικιλίας!

„ Um seu commentador achou a definição d'arte no fundo de um odre, ou nas visagens de um Truão: e lançou sobre o papyro a palavra fatal Μίμνησις!

„ E depois veio um poeta romano, e escreveu uns poucos de versos desordenados, que approuve aos criticos chamar arte-poetica. E Roma, á voz do poeta das amphoras, e das prostitutas, respondeu: — *Inlittio!*

„ E a Europa d'hoje repetiu dous mil an-

» nos depois: *a arte é a imitação da natureza.*

» Além estão o Parthenon d'Athenas, o Collisseu de Roma, as Pyramides do Egypto, os Arabescos d'Alhambra, e do Vaticano, e que tem elles de commum com o preceito de Aristoteles? e que tem elles de commum com as regras do poeta das amphoras?

» Ah! tendes os cantos de Tirteo, os deuses, os heroes, os centauros, as sereias d'Homero, as bolgias, e o Ugolino do Dante, as fadas, os gigantes, e os grifos d'Ariosto, o Adamastor de Comões, e que tem todos elles com o preceito daquelles, a quem ha dous mil annos, os criticos chamaram — *mestres d'arte?*

E as turbas embaidas, derrubaram as estatuas, os monumentos que, ha dois mil annos attestavam a gloria *dos mestres d'arte.*

Então o novo profeta firmou a sua doutrina, e dice:

» O dogma do meu culto, é este: — A arte é uma — tres entidades distinctas, que formam um só ser verdadeiro — o ideal — é o padre — o poeta — é o filho — a fórma é o espirito vivificante, e animador. O primeiro dá-lhe a substancia; o segundo as condições absolutas; o terceiro as condições relativas, dependentes do mundo material. O ideal é o mysterio — o poeta, é o vidente — a fórma é a revelação escripta. Esta a minha trindade, ai daquelle que a não acredita! Anathema!..

E o grito de proscipção, e maldição rumbou nos quatro angulos do mundo, sem que nenhum dos vivos tomasse a defeza dos mortos. Então s'ouviu uma voz d'entre a multidão: » *Façamol-o rei!* »

E toda a multidão o acclamou como tal.

Das ruinas das antigas monarchias, dos despojos dos antigos monarchas, lhe ageitaram um throno, onde o ergueram;

E um dos sacerdotes do novo culto ía cingir-lhe a corôa, quando uma sombra se ergueu diante dos olhos de todos, e o sacerdote tremeu, e deixou cair das mãos a insignia da magestade, que rollando nos degrãos do throno, foi cair feita em pedaços a distancia immensa.

O novo rei tremeu vendo o seu *mestre*, e lhe bradou:

» Que buscas tu aqui?! findou teu reino...
» Teu culto, tuas leis, hei supplantado...
» Dous mil annos reinaste... eu reino agora...

Então a sombra olhou para o discipulo, e lhe dice com voz meiga, e suave, como de pae a um filho bem querido, que abusou das caricias que na infancia lhe fez como ao mais charo dentre os seus...

» E és tu quem derribas o meu throno?

» Quem profana o altar, a cuja sombra

» Te ergueste sacerdote do meu culto?

» E és tu quem me insulta despiadado,

» Sem ao menos pensar não tenho ultores?

» Onde achaste a *trindade* do teu culto?

» Onde achaste esses *moldes* tão sublimes

» Para nelles vazar tuas idéas?

» Esses *moldes* quaes são? *a natureza*

» Te bradará com voz, que tu desprezas

» A razão, se razão ouvir quizesse.

» Que podes tu criar que seja novo,

» Cujo typo mais bello não encontres

» Nessa immensa extensão que desconheces,

» Nesses mundos sem fim, que nunca has visto?

» Onde podes achar um só contraste,

» Para d'elle extrahir uma harmonia,

» Cujo *molde* não seja a mão do Eterno?

» Essas do Egypto molles magestosas

» Que são ellas ao pé dessas montanhas

» Que a natureza ergueu por typo dellas?

» As columnas d'um templo tão esguias

» Que são ao pé dos bosques das Floridas?

» Esses cantos dos Bardos, *teus modêllos*,

» Que são elles ao pé do trom que estalla

» Nessa vasta campina do Universo?

» Que são elles ao pé do canto amêno

» Dos cantores dos bosques, tão suaves,

» Quando erguem ao Ceo os seus louvores

» Para cantar o Deus que os ha creado,

» Para cantar as scenas portentosas

» D'immensa criação, de que são êlo?

» Camões, Vasco, Domingues, que fizeram?

» *Imitaram* melhor, do que outros muitos.

» E tu mesmo que fazes? tu imitas. —

» Que podes tu criar, rival do Eterno?

» Nem ao menos *nada*. — Não blasfemes —

» Não ponhas qual Titão montes em montes

» Para o Ceo escalar; qu'és esmagado.

» Reforma os erros teus, tua doutrina;

» E se queres erguer um throno estavel

» Não o firmes no ar, firma-o na terra,

» Onde possas pousar teus pés de barro,

» Erguendo a tua frente, mas curvada

» Ante Deus, ante as suas creaturas.

» E só quando tiveres conhecido

» A razão porque a planta cresce, e morre,

» Então podes bradar: " eu sou Rei d'arte,

» Que os mysterios roubei á Natureza;

» Não carego *imitar*, eu tenho os moldes

» Pelos quaes Deus fundiu suas feituraes.

E as turbas applaudiram

Um Defensor de Horacio.

—*—

COMEDIA MARAVILHOSA,

Representada na Cidade de Timplão, proxima ao Reino do Pegu, em 1549.

(EXTRACTO DE FERNÃO MENDES PINTO.)

Entro o Embaixador acompanhado dos

quatro Príncipes, que o levavam, se prostrou cinco vezes no chão, sem ousar alevantar os olhos para o Calaminhã, por acatamento novel que se lhe tem; até que o Monvagarú lhe mandou que passasse adiante, e chegando junto da primeira grade, sempre co rosto em terra, disse defronte do Calaminhã em voz alta, que todos ouviram: „ As naves do ar, que recreão os fructos, de que nos mantemos; tem divulgado por toda a Monarquia do Mundo a grande magestade do teu poder; pelo qual cobigando o meu Rei como pérola rica a tua amizade, se te manda por mim em seu nome entregar por irmão verdadeiro, e com obediencia honrosa, em razão de seres tu mais velho, e elle mais moço; e como tal te manda esta carta, por ser a joya suprema do seu thesouro, em que seus olhos mais se deleitam por honra, e gosto, que em ser Senhor dos Reis do Avá com toda a pederaria da Serra Faleu, e Jantir, e Pontau. O Calaminhã com rosto grave, e severo, lhe respondeo: „ Eu aceito em mim esta nova amizade para em tudo satisfazer a teu Rei, como a filho novamente nacido de minhas entranhas.

As mulheres então tocaram de novo seus instrumentos, como antes faziam, e seis dellas dançaram com seis meninos pequenos por espaço de tres, ou quatro Crédos; e apoz estes dançaram seis meninas pequenas com seis homens velhos, que estavam na casa que a todos nós pareceu muito bem. Acabado isto, houve hũa Comedia representada por doze mulheres muito bem vestidas e muito fermosas, na qual veio hũa filha de hum Rei atrevesada na boca de hum peixe, que depois alli em publico perante todos foi engulida do mesmo peixe; o que vendo as doze, se foram com muita pressa, e muitas lagrimas fugindo para hũa Erinida, que estava ao pé de hũa Serra, donde tornaram com hum Eremitão consigo; o qual fazendo ao seu modo grandes orações ao Quíay Patureu Deus do mar, que mandasse lançar aquelle peixe na praya, para se dar sepultura aquella donzella conforme aos altos quilates da sua geração lhe foi respondido pelo mesmo Quíay Patureu que convertessem aquellas doze donzellas seu pranto em musica suave, e agradável a seus ouvidos, e que elle mandaria ao mar que lançasse logo o peixe fóra, e lho entregaria morto em suas mãos. E vindo então seis meninos com coroas de ouro nas cabeças, e azas do mesmo, da maneira que entre nós se pintam os Anjos, porém nós, sem cousa alguma sobre si, se puzeram de joelhos diante das doze, e lhes deram tres harpas, e tres violas com outros alguns instrumentos musicos, em que entravam duas doçainhas, e lhes disseram que o Quíay Patureu lhes mandava do Ceo da Lua aquelles Caulanges para com elles adormenta-

rem os peixes do mar, e serem ellas pelas suavidade da sua musica satisfeitas em seu desejo.

As doze tomaram com grande cerimonia de cortezia os instrumentos das mãos dos seis meninos, e tocaram, e cantaram a elles com hũa harmonia tão triste, e com tantas lagrimas, que alguns Senhores dos que estavam na casa as derramaram tambem e continuando em sua musica por espaço de quasi meio quarto de hora, viram sair debaixo do mar o peixe que comêra a filha do Rei, e assim como arvoado pouco a pouco, veio morto dar em sêco na praia, aonde as doze da musica estavam; e tudo isto tão proprio, e tanto ao natural, que ninguem o julgou por cousa contrafeita, senão por verdadeira, e afóra isto, era feito com grandissimo fausto, aparato de muita riqueza e perfeição. Hũa das doze arrancando então hũa adarga de pederaria, que tinha na cinta escalou com ella o peixe por hũa ilharga, e lhe tirou de dentro a filha do Rei; a qual ao som daquella mesma musica foy leijar a mão ao Calaminhã, que com grande honra a assentou junto consigo. E esta moça se dizia que era sobrinha, filha de hum irmão; e todas as outras, eram filhas de Príncipes, e grandes Senhores, cujos pays, e irmãos estavam alli presentes. Houve tambem outras tres, ou quatro comedias ao modo desta, representadas por mulheres moças muito nobres, com tanto aparato, primor, riqueza, e com tanta perfeição em tudo, que os olhos não dezejavam ver mais.

VER MENOS, GOSAR MAIS.

Não faltam espectadores que andem a correr os theatros em cata unicamente de actrizes moças e bonitas, de comicos formosos e apesoados: — que monta para tal gente a intelligencia, a graça, a expressão, o merito, e ainda a transcendencia de talento? — Não é o drama nem a personagem quem os accarêa; contentam-se com a viajeira illusão de uma conquista amorosa, de uma aventura de camarim. E' o homem ou a mulher que elles vêem, e nunca o artista dramatico; e para taes amadores foram inventados esses oculos gigantescos e pezados, que um braço vigoroso a custo pôde sustentar per mais de alguns minutos; que seriam optimos para ler na face da lua, mas que produzem sobre alguns pobres actores (para não dizer actrizes) o mesmo effeito que o anel de Atlante na formosissima Alcina!

Oh! que é por certo de apurado gosto examinar minuciosamente um comediante a microscopio, nem que insecto elle fóra! Estudat todas as manchas e nodos de um carão! Contar uma a uma todas as imperfeições de um

semblante cuja expressão é sempre exaggerada pela optica! Finalmente substituir uma máscara a um rosto humano; pois que senão uma máscara é que nos apresentam esses novos olhos? — Uma tez emprestada; grandes mascarras de vermelhão nas faces, que bem similham subcutanea effusão de sangue; camadas de farinha na testa, barba, e pescoço; alguns traços azues, fingindo veias; sobr'olhos feitos a pincel; — eis o compendio monstruoso que esses olhos vos devassam, sem elles verieis um rosto encantador aperfeiçoado pela arte, melhorado pela perspectiva; e otrocasteis per um mixto, que alguma cousa tem de horrendo!...

E quanto poderiam dispensar-se essas maquinas de desencanto! — Quem dá o devido valor aos divertimentos theatraes ignora acaso que não é a realidade que n'elles se procura, mas a verdade; e que não póde esta dar-se em um theatro sem illusões! — Verdade convencional é esta de que falamos; e quanto de mentiroso em tudo que é convencional! A grande arte porém toda está em transformar n'uma só verdade um complexo de mentiras delicadas. Para haverem realidades no theatro dever-se-ia representar sem bastidores, nem scenas; a luz do sol não seria facticia, o mar cumpriria que fosse o verdadeiro oceano, o sangue devia realmente correr de profundas feridas, e a morte ser uma morte verdadeira, e a todos os dramas *romanticos* se seguiria então uma scena ainda mais *romantica* (*) — o effectivo enterramento dos principaes actores mortos no drama! — E o officio de comediante não seria para desejar!...

Tem condições a arte; pertender illudilas é assassinal-a. É a theatral o complemento da arte dramatica. Ha n'esta alguma exaggeração de sentimentos, effeitos e palavras, porque lhe incumbe actuar na multidão a certa distancia; são para aquella os accessorios, gestos, decorações, e arrebiques. Para que possa dar-se harmonia entre estas duas artes cumpre que a segunda se subjeite á primeira, e lhe preste auxilio com palavras, aspecto, movimento e graça.

—*—

Chronica Theatral.

❧ Foi uma semana theatral incompleta a que findou hontem: só na terça feira começaram os espectaculos, havendo-se estes interrompido em consequencia da morte de um Principe da Igreja; tiveram pois as nossas elegantes, e *dandys* que recorrer a algum conhecimento antigo para terem de que occupar-se ao menos até á meia-noite, porque, pela mesma razão, nem si quer

(*) Tomamos aqui a palavra ROMANTICO no sentido em que o vulgo a comprehende.

um baile houve nesse longo, nesse interminavel periodo de tres dias!

Chegou pois a dezejada e lenta terça feira, e lá estava aberto o Theatro Normal com o seu CAMÕES DO ROCIO para a platéa geral, e com o, *nunca assás louvado*, BOM AMIGO para a platéa inferior; assim póde dizer-se que houve ovação n'aquelle theatro, e como havia iguar as para todos os paladares *tout le monde a resté content*. — A proposito deste colchete — CAMÕES e BOM AMIGO — não deixa de vir a pêlo lembrar ao Sr. Director do Theatro Normal que a combinação destas duas peças não é muito feliz; em primeiro lugar, porque são ambas comicas (apezar das *choradeciras* da ultima) e além disto porque acaba assim o spectaculo muito cedo, e é uma *sem-saboria* (como per ahi dizem) terem os espectadores de se recolher antes das onze horas, o que na verdade é muito pouco aristocratico, inteiramente opposto ao bom tom, e incommodo para muitos, por contrariar seus habitos.

Quinta feira 9 do corrente repetiu-se o mesmo spectaculo; a concorrência de espectadores foi grande e escolhida, mas nem por isso foi a peça tão bem desempenhada como das outras vezes; os côros não foram bem, e o Sr. MATTA se esqueceu do seu papel no monologo. Vê-se bastas vezes, nas meninas que estudam piano, saberem ellas muito bem a nova sonata que lhes deram para estudar, porém mal começam com outra, lá vá a primeira para detraz da porta. Não devem os nossos actores imitar essas caprixosas meninas, não só porque é em prejuizo de terceiros, mas porque o publico não *abona* caprixos de scena, como faz nas salas. — Não merece o Sr. Matta que se lhe applique esta comparação porque tem de uzo saber bem os seus papeis, mas veio ella a proposito, e não faltará a quem sirva a carapuça. — Estamos sobre-maneira lisongeados vendo que na scena final do 2.º acto do CAMÕES DO ROCIO se adoptou a alteração que haviamos exposto em o nosso passado numero: o resultado cumulou os nossos desejos, e justificou a boa fé e acerto d'aquella nossa reflexão.

THEATRO DE S. CARLOS. — Quarta feira 8 do corrente, ESMERALDA, PORTUGUEZES EM TANGERE: — começa a verificar-se o prognostico per nós aventurado em o artigo do nosso numero anterior ácerca da *Esmeralda*; esta peça váe agradando mais, e nessa noite de 4.ª feira teve melhor acção.

Sexta feira 10, PARISINA, O Triunfo de Amor. — O assumpto de Parisina está já rebatido, pouco ha pois a acrescentar. Um dia um Bachá estando com sua comitiva a ver dançar uns Ursos, exclamou com o seu despotismo turco: — „ Todo aquelle que se não divertir hoje será empalado. „ Em Lisboa ha certos pe-

tils Bachás que também condemnariam, si podessem, a ser empalados todos os que não achassem que a Sr.^a Barili canta sempre o melhor possível. Pois meus Srs. tenham paciência, mas a Sr.^a Barili, cantando muitas noites agradavelmente, não foi bem na de sexta feira, antes desafinou em algumas cadencias; o Sr. Spech não desempenhou tão bem como costuma, longe disso.

O novo *Bailête* composto pelo Sr. Iorch agradou muito; e as *Scenas* novas são de bom gosto e riqueza: a *Signora DE VECHI* fez alguns progressos no conceito do publico. — Daremos d'outra vez uma analyse mais circunstanciada deste bailête, e hoje só accrescentaremos que os Srs. IORCH e DE VECHI foram chamados fóra para serem applaudidos.

DECLARAÇÃO.

Constando aos RR. deste Jornal que alguns dos artigos exarados nos antecedentes NUMEROS foram per alguém attribuidos a individuos que não tiveram a menor parte na sua redacção, declaram que todos os artigos que não levarem assignatura, verdadeira ou pseudonima, a elles exclusivamente pertencem. = Esta declaração diz respeito tanto aos Numeros passados como aos futuros.

ABUR.

Epitaphio de HENRIQUE VIII de Inglaterra, feito pelo célebre poeta dramatico Hespanhol = LOPE DE VEGA:

*Más que desta losa fria
Cubrió Enrique tu valor,
De una muger el amor,
Y de un error la porfia.*

*Como cupo en tu grandeza
Querer, Engañado Inglez,
De una muger a los pies,
Ser de la Iglezia cabeza?*

Simêlham as produções do espirito aos delicados fructos, que as mais das vezes encontramos muito vêrdes ou muito maduros, sendo bem difficil collêl-os, e servil-os a proposito. — Quando a imaginação está em toda a sua força, apenas semiformado se amostra o juizo; e quando este chega á sua

maior perfeição, já as outras potencias da alma declinam, e pendem. A' medida que adquirimos as vantagens, que resultam de bem julgar, perdêmos as de inventar com accitação.

—*—

Traduzir perfeitamente originaes excellentes é taréfa sobre maneira difficil; poisque a maior parte das traducções parecem aquellas tapeçarias, que vistas pela parte posterior deixam perceber as figuras, que nellas se desênham; mas tão trançadas e cheias de fios, que dirias serem apenas mui simples esboços.

ESPECTACULOS DA SEMANA CORRENTE.

THEATRO DE S. CARLOS.

Dia 12 — Domingo.

ROBERTO DO DIADO. E' suprimido o quintetto do 2.^o acto, e o Sólo do 3.^o seirá d'hora em diante desempenhado pelo supplemento M.^{lle} Moreno.

Dia 13 — 2.^a feira.

Beneficio do 1.^o bailarino Iorch.

Opera — PARISINA. — Bailete composto pelo beneficiado — O TRIUMPHO DE AMOR.

(N.B. E' a 2.^a representação do bailete.)

Em um intervallo os Sr.^s Spech, e Mariani, por obsequio ao beneficiado cantarão o Duetto do 2.^o acto dos — PURITANOS. —

Dia 15 — 4.^a feira.

Opera — ESMERALDA.

Dança — O TRIUMPHO DE AMOR.

Dia 17 — 6.^a feira.

Opera — PARISINA.

Dança — OS PORTUGUEZES EM TANGER.

Debutará o novo bailarino, Mr. Casati, dançando um pas-de-deux com M.^{lle} De Vecchi.

Grande Galeria Optica.

Esposta no largo de S. Paulo, nas casas da Exm.^a Casa de Pombal n.^o 11, em 4 Salas do Primeiro andar, aonde será visivel todos os dias das 11 horas da manhã até ás 9 da tarde; e das Ave Mariás até ás 9 da noite.

PRIMEIRA EXPOSIÇÃO.

De SETE interessantissimas representações, das quaes tres no genero de *Norrama* (inteiramente novo nesta capital), e quatro no de *Cosmorama*.

Esta durará até Segunda feira 13 de Janeiro inclusivè, e seguir-se-ha depois outra nova, na qual nunca se repetirá nenhuma das sete representações antecedentes.